



A VISÃO DA FILOSOFIA ESCOLAR DO ALUNO CONCLUINTE DA ESCOLA ESTADUAL ALFREDO SÁ DE TEÓFILO OTONI – MINAS GERAIS

Igor Neves Passos¹

RESUMO

Este artigo propõe-se uma investigação sobre o ensino da filosofia na Escola Estadual Alfredo Sá de Teófilo Otoni-MG. Procura-se por meio dele investigar as causas do desinteresse dos alunos pela filosofia escolar e apontar possíveis saídas para o problema. Ele baseou-se em um questionário que foi respondido por alunos dos turnos matutino e vespertino da terceira série do ensino médio que exporam suas opiniões sobre a filosofia, sobre a filosofia na escola e deram sugestões para aprimorar a presença da filosofia na escola pública e otimizar seu aproveitamento. Assim, tem como metodologia a pesquisa qualitativa e revisão bibliográfica. Tem-se como conclusão: o aluno de filosofia do ensino médio não se interessa pela disciplina porque o método aplicado em sala de aula de abordagem do conteúdo não favorece o conhecimento do pensar filosófico, mas uma degustação de conceitos o que não gera empatia aluno/campo do saber o que gera desinteresse, igual, pelo conteúdo apresentado. Como proposta para tal situação apresenta-se a pedagogização do conceito, na esteira de Deleuze e Gattari, seguindo os passos: a) sensibilização ao tema, b) problematização, c) investigação, d) conceitualização.

PALAVRAS-CHAVE: Didática da Filosofia. Pedagogização do conceito. Filosofia na escola.

Abstract:

This article proposes an investigation about the teaching of philosophy in the State School Alfredo Sá de Teófilo Otoni-MG. It seeks to investigate the causes of students' lack of interest in school philosophy and to point out possible solutions to the problem. It was based on a questionnaire that was answered by students in the morning and evening classes in the third grade of high school who set out their opinions on philosophy, philosophy at school and gave suggestions to improve the presence of philosophy in public school and optimize their use. Thus, its methodology is qualitative research and bibliographic review. It is concluded: the student of philosophy of high school is not interested in the discipline because the method applied in the classroom of approach of content does not favor the knowledge of philosophical thinking, but a tasting of concepts which does not generate empathy student / field of knowledge that generates disinterest, equal, for the content presented. As a proposal for this situation, the pedagogy of the concept is presented in the wake of Deleuze and Gattari, following the steps: a) sensitization to the theme, b) problematization, c) research, d) conceptualization.

¹ *Licenciado em filosofia pelo Instituto São TOMÁS DE AQUINO*



Keywords: Didactics of Philosophy. Pedagogization of the concept. Philosophy at school.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é mostrar, por meio de pesquisa realizada com alunos do terceiro ano de ensino médio, da Escola Estadual Alfredo Sá, de Teófilo Otoni – MG, A situação atual do ensino da filosofia na escola e qual a relação estabelecida dos alunos com a disciplina, seus conteúdos e problemas. A pergunta norteadora é: como os alunos interagem com a disciplina filosófica, seus temas e assuntos e como e por que muitos alunos não gostam de filosofia e quais os impedimentos para que a disciplina seja aceita e estudada como a Matemática e Língua Portuguesa, isto é, com dedicação e relevância.

Os objetivos desta pesquisa são: a) análise da relação jovem-aluno e filosofia na escola, b) identificação de problemas na aprendizagem da filosofia na escola, c) coleta de sugestões para aprimoramento e melhor aproveitamento da disciplina na escola, d) compreender a visão que o jovem-aluno tem da filosofia e, por fim, conhecer as expectativas e frustrações dos alunos, em relação à filosofia, uma vez que a pesquisa se concentrou em alunos da terceira série do ensino médio.

A base desta pesquisa é um questionário que foi aplicado a duas turmas da terceira série do ensino médio, do turno matutino e vespertino, do ano de 2017. De cada turma, dez alunos (do gênero masculino e feminino) responderam às questões, totalizando vinte (20) questionários aplicados e respondidos.

Problematização

Ao longo do período do estágio supervisionado, percebeu-se a dificuldade dos alunos em acompanhar o ensino de filosofia. É unânime o desânimo e a falta de interesse pela disciplina. Considerando inclusive, um certo descrédito e desmerecimento da filosofia não sendo essa tomada como algo útil para vida ou que dissesse respeito às vivências e práticas no



mundo. Qual o motivo para a perda total de interesse dos alunos pela filosofia? Quais as impressões que estes têm desta disciplina?

Em conversas informais, em sala de aulas, muitos afirmam achar interessantes os conteúdos e gostarem dos problemas abordados pelos diversos teóricos, mas que não conseguem ser contagiados pela filosofia na sala de aula. O que leva, então, a esta perda de interesse pela filosofia, justamente, no contexto de classe, uma vez que este deveria ser o cenário adequado para tais discussões e aprendizado?

Na observação realizada durante o estágio supervisionado constatou-se também que a maioria das outras disciplinas são tomadas com outra postura pelos alunos. No sentido de haver empenho, guardadas as devidas proporções, na feitura das atividades, no estudo, na realização das tarefas propostas; há engajamento e envolvimento do aluno nos conteúdos e procura de informações da área afim. No entanto, tais respostas positivas não são notadas no que toca à filosofia. Por quê?

Alguns problemas reais

O papel do professor é, segundo Libâneo (2004) promover o desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral dos indivíduos; ensinar e possibilitar a internalização dos meios de cognição para compreender e transformar a realidade; estimular a capacidade de raciocínio e julgamento, melhorar a capacidade reflexiva e desenvolver as competências do pensar; ajudar no desenvolvimento integral que proporciona às pessoas serem dignas, justas, cultas, aptas a participar ativa e criticamente na vida social, política, profissional, e cultural; desenvolver a capacidade de aprender, em razão das exigências da sociedade e da necessidade de lidar constantemente com o diferente.

Não poderia dizer que este é um problema unicamente das escolas públicas até porque esta pesquisa não se concentrou nisto. Mas percebe-se que a maioria dos professores de filosofia da rede pública não são licenciados para tal. Não raras vezes são especialistas em outras áreas que não, necessariamente, são afins, e que lecionam filosofia para preencherem o número de aulas semanais das quais sua disciplina não é suficiente. Ou porque não há professores da área disponíveis para ministrarem aulas de filosofia.

Além da falta de mão de obra especializada, alguns professores são obrigados a lecionar em mais de uma instituição e possuem jornada dupla ou tripla de trabalho. Este



comportamento não favorece o melhor desempenho do profissional da educação que não dispõe de tempo suficiente para leitura, elaboração de atividades, segundo a vida e demanda dos seus alunos; não encontra a disposição de ânimo necessária para que seu ofício seja desempenhado com o maior rigor e vigor, uma vez que sua jornada é desgastante. Além de que o educador precisa encarnar a realidade dos seus alunos com vistas a conhecê-los e levar os conteúdos em ligação direta às suas vivências e experiências. Sem embargo, os temas de sala de aula precisam corresponder à vida dos alunos (LIBÂNEO, 2004).

Estas questões são maximizadas pela falta de estrutura das escolas e da própria educação enquanto responsabilidade estatal que não dispõem das condições adequadas para receberem todo o contingente discente e, conseqüentemente, para subsidiar o docente na sua prática. Os professores queixam-se para além da oferta salarial, de salas cheias, quantidade insuficiente de carga horária para lecionarem a disciplina e tratarem de suas complexidades e da falta de interesse dos alunos pela disciplina.

Além disso, existem queixas muito frequentes relacionadas à saúde dos docentes como distúrbios psíquicos, associada ao trabalho repetitivo, insatisfação no desempenho das atividades, ambiente intranquilo e estressante, desgaste na relação professor aluno, falta de autonomia no planejamento das atividades, ritmo acelerado de trabalho e à pressão da direção. Os professores nas escolas inventam todo instante estratégias e saídas para driblar suas dificuldades cotidianas deficitárias de trabalho. (SILVA, 2043, 2008)

Neste sentido, tal situação não favorece o eficaz desempenho da proposta pedagógica da escola que consiste em conduzir os alunos a desenvolverem capacidades intelectuais que lhes permitam assimilar os conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, a pensar de forma autônoma, a descobrir formas de acesso e apropriação do conhecimento elaborado, de modo a aplicá-lo ao longo da vida, além de sua permanência na escola.

Proposta pedagógica da escola para a filosofia

Toda ação educativa se situa num complexo filosófico de valores e na visualização de objetivos a serem atingidos. Nesse aspecto as experiências que a escola procura proporcionar ao aluno, mesmo com tantos desafios acima elencados, são no sentido de torná-lo um gerenciador de informações, onde o conhecimento não é visto como algo a ser consumido e acumulado, posto para dentro do aluno em doses controladas, mas sim, algo a ser produzido,



construído pelo aluno enquanto sujeito e não objeto de aprendizagem. Partindo desta proposição, pretende-se que a partir das investigações e análises do desempenho dos alunos, a equipe escolar possa construir ações verdadeiramente possíveis de provocar transformações que possibilitem o sucesso da aprendizagem, tendo por base os pilares da educação: *aprender a conhecer e fazer; aprender a conviver; aprender a ser.*

A Proposta Pedagógica objetiva: a) possibilitar a formação de uma consciência social responsável, no sentido de desenvolver em cada aluno a sua capacidade crítica, reflexiva, criativa e comunicativa; b) preparar o aluno para participar do processo político, econômico, social e cultural do país e do mundo, como cidadão responsável e futuro profissional competente; c) tornar cada indivíduo sujeito do seu próprio desenvolvimento, comprometido com o processo de desenvolvimento da comunidade e engajado na construção do futuro; d) dar oportunidade ao aluno de exercitar práticas democráticas, por meio de estímulo à livre expressão de ideias e sentimentos, respeitando a individualidade de cada aluno como pessoa humana; e) enfatizar o desenvolvimento de habilidades e competências.

Desde Comenius criou-se a ilusão de que educação é uma questão de método. O que implica que sabendo ensinar bem se aprende bem, ou dito de outro modo, em inteligências desiguais é preciso saber como explicar para que a assimilação seja efetiva. Neste sentido, entende-se que na sala de aula a figura docente como imprescindível e protagonista, quando na verdade a do educando é que deve ser entendido dessa forma.

Como supradito, a sociedade moderna está calcada sobre a ideia as inteligências são desiguais e que, portanto, é preciso nivelar estas desigualdades para se construir a sociedade democrática sonhada. Assim, se efetiva a produção dos sistemas de instrução pública, como forma de levar a emancipação intelectual a todos, segundo Gallo (2012). Ele continua afirmando a perversidade deste sistema, afinal esta emancipação baseia-se na lógica da explicação, o que contribui, grandemente, para manter a assimetria, a desigualdade o que gera o embrutecimento que é o efeito contrário à emancipação.

É preciso, então, que o professor não seja o “grande mestre” que ensina o como fazer, mas ajude a educando a se relacionar, autonomamente, com os signos do pensamento. Quer dizer, é preciso ajudar que o pensamento seja desenvolvido de acordo com suas próprias peculiaridades. O aluno não precisa de se inserir numa cadeia de repetições, ao contrário, para uma educação eficaz ele próprio encontrará seus meios, com a ajuda docente, de se relacionar



com o material cognoscitivo e produzir seus pensamentos, sempre buscando luz nas conceituações já existentes sobre aquele assunto.

Do aluno atendido pela escola espera-se o desenvolvimento de competências e habilidades que tornem o educando capaz de: a) ser agente de integração e transformação social, criativo, reflexivo e empreendedor; b) conviver com equilíbrio, de forma ativa e responsável, no desenvolvimento e aperfeiçoamento do meio ambiente em que vive; c) ter uma postura humana comprometida com o bem-estar geral e a ética; d) compreender o mundo, suas relações de poder, seu pluralismo cultural e atuar nele de forma crítica e responsável; e) compreender o outro, exercitando a aceitação das diferenças individuais, a tolerância, a solidariedade e o respeito, buscando uma convivência harmoniosa; f) compreender a si mesmo, desenvolvendo suas potencialidades, aceitando seus limites, caminhando para a autonomia como resultado de suas escolhas conscientes e responsáveis.

Filosofia na visão dos alunos

Quando indagados sobre como a filosofia é vista na escola, as opiniões divergem. Se por um lado alguns consideram como necessária e importante outros a veem como desnecessária e passível de ser prescindida em nome de outras disciplinas de maior relevância na escola e para a vida prática no mundo.

Há uma dificuldade geral de entender a filosofia no ensino médio como um estágio de ensino que ajudaria os alunos a expandir a capacidade reflexiva que os proporcionaria um melhor aproveitamento das demais disciplinas. Os jovens não conseguem abstrair da filosofia sua riqueza conceitual e sua capacidade de ampliação de horizonte crítico que os pode transformar em sujeitos autônomos e com postura diferenciada frente ao material da Indústria Cultural e posicionamento dentro do sistema liberal de comportamento social.

Nas turmas entrevistadas se percebe que havia uma expectativa positiva em torno da disciplina como um saber que trata das coisas do mundo e de assuntos interessantes e pertinentes à humanidade. No entanto, tais expectativas eram frustradas pelo modo como a matéria é conduzida e pelas dificuldades de se trabalhar tais conteúdos na escola com todas as condições desfavoráveis que ela possui. Ao mesmo tempo, um dos entrevistados a entende como inútil, como um saber dispensável e que pouco acrescentou em sua vida acadêmica.



A complexidade da filosofia é apontada como um fator que dificulta a apropriação e o interesse pela disciplina. Embora seja interessante e desperte em alguns a ânsia pelo conhecimento, muitos esbarram na dificuldade de compreenderem as escolas filosóficas, os sistemas, as propostas filosóficas, os textos, principalmente. Além da multiplicidade de temas, questões, problemas conta-se ainda com as dificuldades de interpretação, compreensão própria dos alunos e o tempo destinado à disciplina na escola dificulta ainda mais este processo de assimilação ativa das informações e dados transformando-os em conhecimento.

Alguns argumentam que a defasagem do ensino na escola primária não os ajudou a pensar o abstrato. As dificuldades do ensino primário condicionam todo o trajeto escolar dos alunos. Ainda arguem sobre as dificuldades com o professor que, por muitos é considerado como pouco facilitador dos conteúdos. Entretanto, em relação a este quesito, as opiniões divergem bastante. Uma parcela majoritária o considera como muito rígido, criterioso, mas dotado de grande inteligência e capacidade filosófica. Enquanto profissional é muito capaz, no entanto, não consegue alcançar os alunos por suas explicações primeiro pela dificuldade das matrizes teóricas filosóficas, pelo barulho em sala, pela falta de interesse dos alunos e a ausência de paciência do professor em relação às questões que envolvem os alunos, a dificuldades de entendimento e desinteresse geral justaposto à falta de atenção e dedicação à matéria.

Em relação ao que a filosofia representa para eles, mostram o quanto entendem que a filosofia abre as portas para a reflexão, para a criticidade, para o debate. Filosofia representa pensamento, estilo de vida, busca da verdade, inclusive a veem como o início de toda a ciência, fundamento de todo o pensar ocidental. Isso revela o quanto eles compreendem a magnitude de importância do estudo da filosofia enquanto uma “ciência”, enquanto um conjunto teórico de interpretação do mundo. Porém o mesmo não acontece quando se trata da filosofia da sala de aula. A distância entre a filosofia saber e a filosofia disciplina escolar é colossal.

O quarto quesito da entrevista foi os temas e assuntos filosóficos que mais atraem e chamam atenção do jovem entrevistado. Entre os mais destacados estão a política e sociedade, religião e a existência das coisas e as cosmologias. Isto implica que há algo na filosofia que interessa os jovens, eles veem na filosofia uma possibilidade de crescimento e ampliação de percepções e a entendem como algo que pode agregar valor às suas vidas acadêmicas.



Entretanto, a grande questão é a distância mesmo entre a filosofia e a disciplina escolar e como esta é tratada em sala.

O processo de aprendizagem depende de como o indivíduo recebe informações, como ele processa esse conhecimento e de como os componentes relativos ao lado emocional enriquecem e variam os produtos da aprendizagem. Segundo Reuven (*apud* Battistuzzo, 2009), os produtos externos e internos provocam uma mudança no desenvolvimento do ser através de experiências mediadas, o que deve acontecer de forma que leve o indivíduo à interação e a participar da produção do próprio aprendizado.

Nesse sentido, o professor deve levar em consideração a avaliação do potencial de aprendizagem e avaliação do potencial de trabalho do desenvolvimento das funções cognitivas do educando. Sendo assim, o diálogo é o melhor mecanismo que deve ser empregado na busca pelo que se pretende aprender e ensinar, principalmente os assuntos filosóficos, que nascem por meio e em meio ao debate e discussão dialética. Vale também ressaltar que estabelecer relações com os saberes do indivíduo é uma importante estratégia para promover um maior entendimento das informações e conhecimentos que o aluno processa e assim ele é capaz de exprimir o que ele aprendeu e a sua maneira de compreensão.

Além do processo de experiências do ser humano com o meio em que está inserido, bem como a vivência no mundo com as experiências mediadas promovem o desenvolvimento cognitivo. Portanto, o mapa cognitivo deve analisar o que o aluno aprende e o desenvolvimento alcançado ao longo do aprendizado. Desse modo, haverá um maior investimento de tempo, dependendo das habilidades do aluno e observação da facilidade em cada tipo de linguagem levando em conta o que favorece a aprendizagem do aluno. Além de observar as fases do ato mental de cada ser.

Todo ser humano é dotado de inteligência, portanto, cada indivíduo desenvolve-se em áreas específicas, umas mais que outras. Nesse aspecto é importante estimular o desenvolvimento de todas as inteligências. Ao educador caberá a função de permitir que haja compreensão sobre as diversificadas possibilidades e entendê-las. As inteligências múltiplas envolvem a percepção de informação visual e espacial, realização de produções ou resolução de problemas, diferir os próprios sentimentos, construir conhecimentos e usá-los nas tomadas de decisões. Reconhecer e identificar sentimentos, distinguir e classificar elementos presentes no meio ambiente, comunicar e dar sentido ao mundo, perante a linguagem. Fazer relações abstratas, perceber, reconhecer, transformar.



O ser humano necessita compreender, inteirar, buscar novas informações, opinar e usar todo tipo de informação adquirida, produzindo assim uma nova fonte de conhecimento, ou seja, aprender e utilizar esse conhecimento na aplicabilidade da vida diária. Nessa perspectiva faz-se necessário que o educador investigue sobre o que realmente os alunos devem compreender, como envolver os educandos de forma participativa na construção desse conhecimento. Sendo assim, os temas a serem explorados, devem estar interligados com os interesses dos alunos, provocando uma motivação em aprender e aprender com prazer e interesse. O aluno sabe o que pretende aprender, até onde esse aprendizado pode conduzi-lo e se torna capaz de criar, recriar, produzir atividades que demonstrem esse conhecimento adquirido.

Os alunos apontam como as maiores dificuldades em se apropriar da filosofia o método que o professor utiliza que não favorecem o processo ensino-aprendizagem, a linguagem utilizada que, para alguns, é inacessível, uma vez que não possuem domínio dos conceitos e termos utilizados. Apontam ainda a multiplicidade de teorias sendo de difícil assimilação visto a grandiosidade de diferenças entre as mesmas.

Neste sentido, percebe-se que muito do que dificulta o acesso e o interesse do aluno pela filosofia é a complexidade do assunto, sua abstração e o pensamento reflexivo exigente, o pouco tempo destinado à matéria e, principalmente, a metodologia utilizada em sala de aula. Não é que não haja o interesse e a vontade de dedicação, mas a didática das aulas não envolve os alunos a ponto de fazer ressoar em suas vidas concretas todos aqueles conteúdos abordados, ele não enxergam correspondência da teoria com a vida, não conseguem ultrapassar os limites das letras e vê-las como elemento facilitador da vida e capaz de ser relacionado com suas vidas diárias e concretas.

Assim, percebe-se que o processo de aprendizagem da filosofia deve envolver o aluno na busca e criação do próprio conhecimento. O aspecto cognitivo, a aprendizagem mediada e que todos os tipos de inteligência devem ser levados em consideração e serem exploradas de forma a atender as especificidades de cada indivíduo, respeitando suas particularidades, tendo em vista que todo ser humano é dotado de inteligências e que elas devem ser exploradas na busca pelo conhecimento e que o próprio educando é capaz de produzir aprendizagem.

Algumas considerações



Segundo Libâneo (2013), o processo ensino-aprendizagem, engloba as ações a serem planejadas com vistas a serem executadas pelo educador e educando tendo por fim alcançar os objetivos e metas traçadas, que estão relacionadas ao conteúdo. Não se pode pensar em educação apenas como ensinar conteúdos sistemáticos, antes deve ser preconizada uma educação de qualidade que trespasse as paredes da escola, que possibilite a criação de oportunidades para o desenvolvimento de relações interpessoais, éticas, emocionais e cognitivas. O professor não pode ser visto como o detentor do saber, o grande transmissor e o aluno um mero aprendiz reprodutor, afirma Libâneo (2013).

No ensino da filosofia, a dimensão sócio-cultural do aluno precisa ser levada em consideração no processo, não é ele um recipiente onde se deposita dados, mas traz impressões e experiências que serão tomadas como ponto de partida para a construção do edifício cognoscitivo. O processo de ensino precisa ultrapassar este paradigma de que ensinar é transmitir conteúdo. O desempenho e participação do aluno é imprescindível e, portanto, faz-se necessário uma abordagem multidisciplinar que agregue conhecimentos de todas as formas. É importante que educando e educador construam saberes de forma produtiva, valorizando as experiências e desenvolvam capacidades essenciais, onde sejam utilizadas nos diversos segmentos da vida e sirvam de instrumentos de compreensão da realidade e da participação em relações escolares, sociais, políticas e que as mesmas sejam diversificadas e cada vez mais amplas.

O professor deve agir como mediador em situações diversas de aprendizagem. É sua função pesquisar e fornecer para os alunos informações que alimentem a construção do saber, dominar o conteúdo e as metodologias de construção do saber. Ao adquirir conteúdo e assimilar conhecimentos e habilidades o aluno será capaz de fazer descobertas e organizar o pensamento por si, criar e produzir opiniões que irão possibilitar a atualização de suas potencialidades e autonomia na tomada de decisões. Neste sentido, o processo do ensino de filosofia deve priorizar a assimilação ativa, isto é, um processo de percepção, compreensão, reflexão e aplicação do que foi aprendido. Como quando, ao receber um conteúdo novo o aluno trabalha-o em sua mente o relacionando e comparando com suas experiências e impressões já obtidas, está aprendendo, ou ainda, quando entende a lógica dos mapas e aprende a se localizar e, conseqüentemente, os demais locais. Este processo de aprendizagem é o que viabiliza a construção de significados que proporcionam a autonomia do ser humano



Nessa abrangência, a escola de ensino deve propor uma forma de educação que propicie as diversas formas de aprendizagem e que possibilite ao educando a aquisição de novas competências em função de novos saberes que surgem, buscando atender as necessidades reais, acompanhando as transformações que ocorrem amiúde. Porque aprender é estabelecer relação, sujeito-objeto, indivíduo-sociedade/mundo, assim, há uma justaposição complementar entre ambos, cada um modifica o outro à medida que deixa se modificar: sujeito se lança a fim de assimilar e objeto se deixa apreender modificando e enriquecendo suas estruturas mentais.

Essa aprendizagem deve atender ao nível reflexivo (processo de observação e percepção das coisas e ações motoras) e cognitivo (aprendizagem de conhecimentos e operações mentais, essa se dá em nível consciente, no qual se compreende as relações e propriedades da realidade e elaboração de modos de ação e aplicação no que tange as mesmas). Destarte, a aprendizagem apresenta características peculiares, a saber: a) organizada e planejada, unidade entre ensino e aprendizagem; b) propicia ao aluno a assimilação de conteúdos por via sensorial primeiro e o lidar com as ações mentais; c) sofre influências da afetividade e de fatores sócio-econômicos; d) os conteúdos de ensino obedecem a um organização lógica e psicológica de desenvolvimento; e) não é dissociada do meio social; f) vinculada à motivação do aluno, seus objetivos; g) o trabalho docente é exercido como mediação entre sujeito e objeto do conhecimento.

Diante desse contexto, o processo de ensino deve ser visto como o entendimento de que aprender implica estabelecer relações diversificadas entre o que se sabe e o que é ensinado, explorando e realizando novas experiências. Desse modo, o sujeito do conhecimento pode compreender, analisar, interpretar e estabelecer uma série de relações com as informações que já possuem, com as que se adquirem. O processo de educar deve estar fundamentado na mediação de conhecimentos por parte do educador, onde devem ser promovidas estratégias e mecanismos que permitam que os alunos sejam construtores do próprio conhecimento, assim, ele se comporta epistemologicamente em relação ao conteúdo ensinado, isto é, não fornece o resultado mas põe o educando no caminho metodológico. Não obstante, o aluno será levado a operar epistemologicamente por meio de ações mentais gerais fornecidas que favorecerão a aplicação em fatos/situações particulares: assimilando o que lhe foi ensinado e acrescentando outros saberes, fazendo adequações e transformações necessárias



para o seu convívio social, desenvolvendo atuando como um ser pensante, crítico, capaz de tomar decisões e intervir em meio as situações diversas apresentadas no dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último quesito da entrevista visou buscar sugestões dos próprios alunos para a proposição de um ensino de filosofia que fosse eficaz e integrador. Eles destacam em sua análise que as aulas precisam adotar uma dinâmica mais filosófica, discursiva e dinâmica; maior correspondência do estudado com o vivido, com a realidade experienciada, a adoção de um linguajar mais próximo do utilizado em suas comunidades e vidas e utilização de recursos tecnológicos que poderiam auxiliar na assimilação ativa dos conteúdos.

Tendo a ideia de que o aluno é o protagonista e o professor apenas é um facilitador por base é possível falar-se de uma aula de filosofia que seja uma fábrica de conceitos porque o aluno será capaz de produzir e será incentivado a tal atividade, de recriar e criar. Falar de uma formação completa não é aplicar conteúdos a fim de serem apreendidos sem que isso reflita a realidade do aluno nem o estimule a pensar sua vida e sua própria atividade. De acordo com Deleuze e Gattarri (*apud* Gallo, 2012), a formação ideal está putada numa tríade que chamaram de mosaico referencial em que ciência, arte e filosofia se complementam em um ensino pluridimensional e dialógico.

Na aula de filosofia, os alunos precisam aliar estes campos diversos do saber para serem capazes de conceber novos conceitos e recriar os já existentes. O que se vê em aulas de filosofia são degustações de história dos conceitos, mas pouco contato direto com a atividade mesma de filosofar. O aluno tem o direito de poder aprender a agir filosoficamente e se entregar à árdua atividade filosófica. A sala de aula precisa ser um laboratório, um local no qual se sintam, professor e aluno, livres para ousar e para experimentar. A filosofia é a matéria-prima para a própria filosofia. Seguindo esta esteira a aula é construída sob uma pedagogia do conceito. Esta é o desvendamento das regras, dos processos, dos caminhos de criação do conceito; um verdadeiro aprendizado em torno do ato criativo de um conceito.

A pedagogia do conceito é, com efeito, o resultado que se busca na sala de aula, mas que implica um caminho didático. Pode, inclusive, dizer que uma pedagogização do conceito ocorre em quatro passos didáticos: I) sensibilização – sentir na pele o problema filosófico, o



professor tentará sensibilizar o aluno para o problema suscitado, para tal, lançará mão de recursos diversos como peças artísticas, músicas, cinema, poemas, quadros, histórias, este movimento proporcionará tanto a colocação do tema e a afetação do aluno quanto a ampliação cultural; II) problematização – professor, junto com o aluno, transformarão o tema em problema, o papel do professor é suscitar o desejo de solução no aluno, instigá-lo à resolução, isso é possível por meio de debates, discussões sobre o assunto, estímulo do senso crítico do aluno; III) investigação – neste passo o aluno, alimentado pelo passo anterior, procurará bases teóricas para responder as questões nascidas e surgidas no tratamento do problema, ele buscará na história da filosofia quando problemas como este foram trabalhados, se ele mesmo já foi refletido e como foi e quais os conceitos que articularam sua solução. Tais informações se tornarão base para que o educando seja capaz de oferecer suas próprias respostas; IV) conceituação – nesse último passo o aluno é estimulado a recriar conceitos encontrados de modo que equacionem nosso problema, ou mesmo, criar novos conceitos, neste passo é que se efetiva o movimento filosófico da “ecologia dos conceitos”, isto é, criar conceitos para uma possível solução ou recriar conceitos deslocando os contextos.

Com este método (passos didáticos) o professor é convidado a lançar mão de recursos atuais, como audiovisuais, para suscitar questões que sejam, suficientemente, instigadores e que despertem nos alunos o anseio de querer buscar as respostas. E aqui se configura a diferença desse para outros métodos. Ora, ele não parte da questão/problema para se encontrar a resposta, mas vai de um conceito em busca do problema que o originou, ou seja, um método regressivo porque vai traçando a história do conceito e busca de compreendê-lo e dele apropriar-se. E para que isso seja, realmente, possível, em sala de aula, seguem umas pistas que são capazes de dirigir a prática docente de filosofia como ato e ensinar a atividade filosófica: a) escolher um texto de filosofia, b) ler este texto com os estudantes, c) evidenciar o conceito que ali foi proposto pelo filósofo, d) investigar o problema que moveu o filósofo a criar tal (tais) conceitos.

Desse modo, pode-se deslanchar com o ensino da filosofia em relação às demais disciplinas, em questão de método. Porque ensinar português não é ensinar a falar a língua, isto os alunos já fazem, mas uma aula de língua portuguesa se propõe a ensinar a usar a língua em suas diversas linguagens. A filosofia idem. Não pode se restringir a simples repetição histórica. A aula de filosofia deve ser assaz investigativa a fim de que o aluno queira ser filósofo e tenha recursos para produzir atividade filosófica.



Infelizmente, o cenário educacional do Brasil de hoje tem sofrido e a educação sido prejudicada. Na atualidade, tempo de grandes, tempos de tecnologia e informação a granel, os profissionais da educação precisam ser preparados e cada vez mais atualizados, buscando cursos preparatórios para enfrentar o dia a dia neste mundo surpreendente e maravilhoso. A missão do educador é, através da educação, formar indivíduos que trilham caminhos de sucesso, mas para tanto precisam antes fazer tal caminho. Um planejamento contextualizado com as especificidades e vivências do educando resultará em aulas dinâmicas e prazerosas, ao contrário de uma prática em que o professor cita somente o número da página e alunos abrem seus livros, uma explicação superficial é dada e dá-se por cumprido a tarefa da aula do dia. Uma prática retrograda e que toma o educando tão passivamente como essa, não leva a filosofia a participar da vida dos alunos e não concretiza a assimilação ativa, numa aula assim, não há conversa, não há interação, não há dialética.

A educação é o mais proveitoso bem de uma sociedade e é preciso que juntos zelemos deste mecanismo de integração social. Educar é conduzir o futuro promissor de nossos jovens. As ações pedagógicas primam por aulas dinâmicas com atividades que extrapolam a sala de aula, pensadas a partir da educação pela pesquisa, do trabalho pedagógico coletivo e interdisciplinar como mecanismo para aperfeiçoar os tempos e promover o diálogo entre as diversas áreas do saber, sem perder de vista os conhecimentos construídos pelos sujeitos (estudantes) no cotidiano, tendo o cotidiano como ponto de partida e de chegada, ou seja, o conhecimento científico, construído coletivamente como iluminador e esclarecedor do senso comum.

REFERÊNCIAS

BATTISTUZZO, Ligia Helena Caldana. **Experiência de aprendizagem mediada de reuven feuerstein: a modificabilidade em alunos de cursos profissionalizantes**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba. Disponível em: <
<http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-112136/experiencia-de-aprendizagem-mediada-de-reuven-feuerstein--a-modificabilidade-em-alunosde-cursos-profissionalizantes1>>.
Acesso em: 25 jun. de 2017.

GALLO, Silvio. **Didática do ensino da Filosofia**. São Paulo: Papyrus Editora, 2012. 176 p.



LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 288 p.

LIBÂNEO, José Carlos. *A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov*. **Revista Brasileira de Educação**, 2004, nº 27, p. 06-24. Set/Out/Nov/Dez.

SILVA, Guilherme Leonardo Freitas Silva. ROSSO, Ademir José. *As condições do trabalho dos professores das escolas públicas de Ponta Grossa – PR*. **VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE: Formação de Professores**. Anais da PUCPR. Edição Internacional de 2008. p 2040-2051.